

**CRÔNICAS, JORNAIS E RIO DE JANEIRO NA DÉCADA DE 1950.**

Raquel França dos Santos Ferreira\*

**Resumo:**

Esta apresentação originou-se da dissertação de mestrado intitulada *Antônio Maria: Visões sobre o Rio de Janeiro da década de 1950* que analisou crônicas do autor referido publicadas em jornais cariocas daquele período. O intuito foi de tentar entender como visões de Antônio Maria, em suas crônicas, contribuíram para a construção de imagens que negam a idéia de que o Rio de Janeiro seria uma ‘cidade maravilhosa’.

Palavras-chave: crônica carioca, jornais brasileiros, memória.

**Résumé :**

C'est presentation a comme origine la dissertation de maîtrise *Antônio Maria: Regardes sur la ville de Rio de Janeiro a la decade de 1950* qui a analysée les chroniques écrits pour Maria, pendant la decade mencionée, et qui ont été publiées dans importantes journaux. L'objectif était la comprehension possible sur comme les idées-clefs des chroniques de Antonio Maria permettent retracer des images à propôs du quotidien de la ville de Rio de Janeiro que nient sa représentation plus courante qui la présentent comme une ‘ville merveilleuse’.

Mots clefs : chronique carioca, journaux brésiliens, memoire.

**1. Um pouco de crônicas e de preservação documental:**

Analisando crônicas de Antônio Maria, publicadas nos jornais cariocas *O Globo*, *Última Hora* e *O Jornal*, da década de 1950, buscou-se encontrar nelas - por causa de sua escrita daquilo que passa despercebido na sociedade, pelo tratamento dado ao breve, aproximando-o do perene - possibilidades que ajudassem a desembaraçar alguns fios da complexa malha social que nos envolve, através de imagens, memórias, identidades de quem as escreveu.

As crônicas nos contam um pouco do cotidiano<sup>1</sup> de certas sociedades que as utilizam como forma de expressão e estão intimamente ligadas aos interesses de quem as escreve; ao estarem vinculados a meios de comunicação de massa, circulam de forma abrangente enriquecendo-se e enriquecendo os imaginários sociais<sup>2</sup>.

---

\* Mestre em História Social da Cultura – PUC-RJ e assistente em Documentação- FBN-RJ.

<sup>1</sup> - Conceito de cotidiano de que aqui será utilizado insere-se na perspectiva de Agnes Heller, ou seja, vivência social heterogênea e hierarquizada, pautada na repetição e na regularidade de ações (Heller, 1989) -

<sup>2</sup> Imaginários sociais, segundo Bronislaw Baczko, seriam um conjunto de representações construídas socialmente, sobre acontecimentos, eventos, situações, etc, e ligadas a ‘interesses’ de determinados indivíduos e/ou grupos sociais (Baczko, 1985).

Têm dia e hora para deixar de existir: o dia seguinte ao da sua publicação, quando sai o primeiro matutino. São pequenas, escritas, às vezes, em tom de deboche, simplificadas em seu linguajar, cortadas pelo revisor. Mas, foram escritas. Foram lidas! Ficaram marcadas em quem as escreveu ou leu. Expressam as marcas deixadas por uma época. Outras, por causa do incessante trabalho seletivo dos homens e das memórias ficaram, infelizmente, esquecidas, perdidas.

Falar em perdas nos remete ao outro lado da moeda: o lado da recuperação. Assim, nesse momento, gostaria de registrar a importância de trabalhos de conservação e de preservação de documentos, em especial na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro onde se realizou a pesquisa, para a descoberta e para a análise de elementos constitutivos de nossa cultura e sociedade. Este trabalho só foi possível graças à conservação dos jornais *O Globo*, *Última Hora* e *O Jornal*, em microfilme pela FBN. Assim como esse espera-se que tantos outros continuem a ser produzidos com base no acervo da FBN (e de outras instituições de igual riqueza e valor), para nos enriquecer com as informações encontradas e analisadas.

## **2. Um pouco de Antonio Maria:**

Partindo então para o tema desse trabalho, pergunto: quem é o autor em questão? Antônio Maria, brasileiro, pernambucano, ‘retirante’ de fins da década de 1940, veio para o Rio de Janeiro com vários objetivos, sonhos e interesses. Ao escrever as crônicas, ele (que ainda acumulou ainda as profissões de ‘speaker’ esportivo, compositor, produtor de rádio e tv), focalizou temas como: rádio e tv, vida noturna na Zona Sul carioca, vivência em Pernambuco, saudade..., nos contando um pouco de suas memórias e de seus interesses, mas sobretudo ajudou a desenhar um pouco as imagens que temos daquela época<sup>3</sup>.

No decorrer deste trabalho, procurei observar e relacionar as imagens do Rio de Janeiro, compostas pelas crônicas, e a construção de imagens sociais cariocas, permitida a partir do ponto de vista de Antonio Maria.

Outra relação que muito me interessou, foi a interação que se deu entre indivíduo e coletividade nas crônicas lidas, e nos jornais para os quais foram escritas, traçando em suas linhas as imagens do cotidiano de milhares de cariocas da década de 1950. Relacionando, assim imprensa e construção da memória coletiva no cotidiano do Rio de Janeiro.

## **3. Um pouco de crônicas, jornais, imagens e de memória:**

---

<sup>3</sup> Para esta apresentação, selecionei apenas as crônicas que tivessem relação com o Rio de Janeiro.

Falar de Antônio Maria é falar de música popular brasileira, de esportes, especialmente do futebol, de meios de comunicação e de cultura de massas: rádio, tv, jornais, revistas. É falar de boemia e de trabalho. É falar de literatura brasileira e de crônicas.

E com as crônicas, publicadas em jornais de grande circulação, vieram as imagens, as tramas do cotidiano da cidade, os interesses pessoais envolvidos na difusão de aspectos sócio-culturais entre as elites e as camadas menos privilegiadas da sociedade, os projetos individuais e/ou coletivos presentes no dia-a-dia e que, do Rio de Janeiro, visavam atingir praticamente todo o Brasil.

Observando as imagens publicadas através das crônicas, que circulavam em espaços bem evidenciados nos jornais pesquisados, vieram à tona aspectos significativos da interação entre cronista-leitor-tv-espectador-rádio-ouvinte-artista, enfim, coletividade, no momento em que, por exemplo, se ressalta a importância dos veículos de comunicação de massa para a difusão cultural e para a construção de interesses comuns e de memórias coletivas. Percebe-se que não há simples relação entre o dito dominante, que ditaria elementos para a formação da cultura e da sociedade, e o dito dominado, que passivamente receberia aqueles elementos, na formação de imaginários sociais. Todos os interesses concorrem dialogicamente, em maior ou menor proporção, de acordo com o setor em que se associam e do veículo que utilizam em sua propagação.

Analisar a questão dominante/dominado em jornais de grande circulação parece fácil e evidente: jornais de grande circulação só reproduzem valores de interesse da chamada classe dominante. Será mesmo? Acredito que não o é se considerarmos, por exemplo, a participação de interesses do autor com intuito de por em xeque uma política de dominação de classes menos privilegiadas. Com interesse manifesto ou latente, de maneira objetiva ou ambígua o autor concorre para as dinâmicas existentes dentro de uma edição jornalística imprimindo em seu texto suas próprias concepções. Não seriam essas concepções brechas importantes em que por vezes se dariam circulação de idéias consoantes às das classes ditas dominadas?

Como exemplo temos que, durante sua estada no rádio, a insatisfação com a qualidade dos programas e com o público em geral levou-o a emitir críticas ao rádio:

*'Para a história do mau nível intelectual do rádio, não há uma defesa ampla. Temos que nos penitenciar por certos programas de auditório, pelas chamadas 'horas do coração para o coração' - com ensinamentos para as batalhas do amor - e também pela maioria das novelas (O Jornal, 17/01/1950).*

Ora, o esquema das novelas e das 'horas do coração para o coração', não seriam ferramentas a serviço projetos ideológicos dominantes de alienação/conformação veiculados

na mídia? Seria interesse dos proprietários de *O Jornal* ter publicado, em uma de suas crônicas de destaque, críticas que atingiam a emissoras de rádio ligadas ao proprietário do periódico? Era exatamente para manter a audiência elevada, em tempos de transição rádio/tv, que programas mais ‘populares’ foram criados.

Ele até aceitou cargos de direção de emissoras de TV, mas logo depois voltou ao rádio, com indisfarçado arrependimento. Seria por ter deixado espaço para outros programas, talvez até de qualidade duvidosa?

*‘Este cronista vem de um mês e doze dias na direção TV. O trabalho era fazer contas de somar, visar comprovantes, mandar filmar homens e coisas (...). Então, veio a saudade do rádio. Veio grande, muito maior do que o maior dos desenganos que o rádio por ventura tenha me causado. Então, senti, em manchetes, a falta dos meus programas’* (O Jornal, 14/02/1951).

Mas porque, então, ele depois passou a adotar a escrita como forma de atingir ao ser humano ‘de carne e osso’, ou seja, a população desprovida de benefícios, quase se penitenciando pelo deslize cometido anos atrás ao criticar os populares?

*‘Meu leitor não é mais a moça educada no Sacré-Coeur. É o portuário Porfírio. É o candango demitido em Brasília. É a funcionária pública, cujo salário não lhe paga o almoço na cidade (...). Homens e mulheres de verdade, para quem a raposa de Saint-Ex tem uma importância muito limitada. Faz-me bem, (...), saudar o novo público de carne e osso’* (Última Hora, 5/4/1961).

Analisando mais de perto o contexto, Maria habitava e circulava entre camadas sociais privilegiadas da cidade do Rio de Janeiro. Suas críticas aos populares podem ser tomadas de vários pontos de vista. Um deles é que ao criticar a má qualidade dos programas de rádio, sua escrita, roteiros e objetivos que estavam tornando-se vazios de conteúdo, ele chamava a atenção para a emergência de um importante problema social, a emergência de setores sociais desprovidos (ou semiprovidos?) de qualificação, entendimento, estudo. Ligado a isso surge um outro ponto: a valorização do seu trabalho por ele mesmo. Vaidoso, não aceitaria ‘baixar’ a qualidade da sua escrita. Nada contra atingir ao ‘público de carne e osso’, desde que o conteúdo fosse de qualidade.

Um outro ponto possível seria que o rádio estaria ‘acendendo a bandeira branca’ e deixando, voluntariamente, o caminho livre para a penetração da tv nos meios sociais mais privilegiados – o que implicaria também perda de investimentos de setores econômicos daquele segmento em programas de rádio e, conseqüentemente, a redução de trabalhadores ligados aquele veículo de comunicação.

Apresentando mais alguns trechos de suas crônicas, podemos observar que Maria utilizou este espaço para criticar e ironizar a sociedade em que vivia. As tramas do cotidiano, escritas por ele, permitem observar, nas entrelinhas ou no pano de fundo, argumentos que parecem questionar freqüentemente o ideal de ‘cidade maravilhosa’, cantado aos cantos do Brasil.

Por mais bela que fosse a cidade, as pessoas que nela viviam, não se enquadrariam neste ideal, segundo Maria. Seus hábitos não eram especiais; a música sofria com os estrangeirismos nas boites cariocas: ‘É que a música brasileira tem sido atacada de agudo estrangeirismo, nestes últimos três anos. Vejam o samba orquestral como anda ‘bebop’, vejam o samba-canção, como anda blue’ (O Jornal, 25/04/1950). O Carnaval não tinha mais ritmo: ‘Carnaval é no mês que vem, e a gente não sente, na fisionomia da cidade, aquele prenuncio de festa dos anos anteriores. Quem tem um pé-de-meia, já está pensando em Petrópolis, Teresópolis (...), com a mulher e crianças’ (O Jornal, 12/01/1950). E nem mesmo para revolução a cidade tinha vocação:

*‘Anteontem, aqui no Rio, de madrugada, disseram que os tanques marchavam a caminho da cidade (...). Uma felicidade de criança, porque todas as revoluções iam se repetir dentro de mim (...). Não vieram tanques, não aconteceu nada e mais uma vez me convenci de que guerreiros mesmo só houve, no Brasil, os soldados da Força Pública e do 21º BC [no Recife]. Fomos dormir paulificados de não ter havido nada, já que tanto esperamos ‘qualquer coisa’ (O Jornal, 05/12/1959).*

Maria estava na contramão do imaginário social que tendia, desde o início do século XX, para a exaltação do Rio de Janeiro. Tomo por exemplo trechos de um artigo, produzido a partir de uma visita feita a Alfred Agache pelo sr J. A Mattos Pimenta, publicado na revista *O Cruzeiro* (10 nov. 1928) e que comentava o projeto de remodelação do Rio de Janeiro, a ser concluído na década de 1950:

*‘Indubitavelmente o plano geral de transformação e desenvolvimento de nossa cidade, projectado para ser concluído dentro de 30 a 50 anos, constituirá um forte e nobre élo entre a geração de hoje e as gerações vindouras, encadeando os sentimentos da nacionalidade, desenvolvendo a consciencia social do povo, fortalecendo enfim a alma brasileira. (...)’*

*‘(...) Mas o Rio de Janeiro de amanhã será também o recreio e a ventura dos forasteiros que desejem nutrir o espírito e encher o coração. Será o grande orgulho do Brasil e a mais linda metrópole do mundo’ (O Cruzeiro. RJ, 10 nov.1928: 31-34).*

Enquanto, no imaginário social carioca, disseminava-se a idéia de ‘cidade maravilhosa’, Maria chamava a atenção para outros problemas, como os descritos nas crônicas, construídas com dados coletados no 2º Distrito de Polícia de Copacabana, com

permissão do Delegado Hermes Machado. Os interrogatórios eram assistidos por Maria que, não raro, colhia suas informações das próprias vítimas ou dos próprios marginais. Comparando Copacabana a bairros europeus, Maria não deixa margem para acusações de ‘anti-patriotismo’, além de assegurar sua permanência como repórter na delegacia, fazendo propaganda do ‘excelente’ trabalho do 2º D.P., nas ruas de Copacabana.

Após elogios o bairro, Maria segue contando os casos diários, ouvidos dentro do D.P., com minúcias de investigador. Eram agressões de bêbados a mulheres ‘inocentes’, arrombamentos de casas, automóveis, bares, denúncias de prostituição, prisão de ‘gangs’ de assaltantes, enfim, tudo isto num bairro ‘pacato’. Em suas crônicas, Maria não deixa de mencionar os problemas sociais que Copacabana enfrentava. Fosse sutil ou explícito, lá apareciam o desemprego, os crimes, a influência das drogas na sociedade, a prostituição, enfim, toda uma gama de situações presentes no dia-a-dia da cidade do Rio de Janeiro, como um todo. Maria, usualmente, emitia suas próprias opiniões e até mesmo alertava seus leitores para a ocorrência de tal ou qual descaso das autoridades competentes para com a sociedade, como é o caso da denúncia feita na crônica ‘Trottoir’

*‘Tinha muita razão o chefe de polícia quando dias depois de sua posse, em entrevista à imprensa e ao rádio disse que para combater o lenocínio teria, primeiro, de fazer uma série de consultas a educadores, juristas, sociólogos, etc. Mas perdeu esta razão logo depois, quando mandou fechar (...) uma porção de prostíbulos da Zona Sul.(...) Mas, é necessário que voltemos à inteligência e ponderação daquela entrevista, pedindo ao chefe de polícia que cumpra sua promessa de consultar educadores (...), antes de enfrentar o problema à base de um sistema apenas policial, método em que fracassaram todos os seus ilustres antecessores’ (O Globo, 13/01/1955).*

Esta denúncia nos conta mais um pouco do ponto de vista de Antônio Maria sobre o cotidiano de Copacabana e da própria cidade do Rio de Janeiro; a degradação social que apresentam os bairros centrais e periféricos; as dificuldades que o poder público encontra para resolver problemas de cunho social, como a prostituição e o banditismo. Convocando as autoridades, Maria chama a atenção para o distanciamento e para as barreiras existentes entre produção de conhecimento sócio-cultural em meio acadêmico e aplicação prática desta produção, marcada pela falta de diálogo entre poder público e demais instituições sociais, que juntos poderiam tentar resolver os problemas sociais de uma maneira a satisfazer a maior parcela de interesses possível. Visitando o Segundo Distrito de Polícia de Copacabana, Maria nos denuncia uma outra face dos problemas sociais: aquela que diz respeito à permissividade estabelecida para atitudes tomadas por indivíduos das classes médias urbanas. Segundo ele,

um tal 'L.C' - filho de representante de alta patente do Exército brasileiro -, desordeiro, aproveitou-se da posição social que ocupava, para praticar atos criminosos sob o efeito de drogas e álcool:

*'São indivíduos assim que fazem a noite perigosa. (...). A noite não é para ter que brigar contra elementos desclassificados que, pelo corte da roupa, têm acesso em qualquer lugar público.*

*Como L.C., aos poucos mudam para Copacabana os piores indivíduos da Glória e da Lapa. Chegar a Copacabana é, para o desordeiro, uma espécie de promoção. E eles vêm vindo todos. Começam pelos bares de bebida em pé; passam aos bares chamados de 'infernhinhos' e, esgueirando-se pelas paredes vão chegando ao 'Sacha's' e ao 'Bon Gourmet'. E foi um dia a sagrada paz do boêmio pacato' (Última Hora, 16/09/1959).*

A ascensão social que alguns cariocas experimentavam por conta de melhorias nas suas condições financeiras, tem duas faces: a primeira é que, pela falta de tradição, estes novos ricos tornam-se exemplos de 'promiscuidade', 'deselegância', dentro da elite copacabanense e incomodam ao 'boêmio pacato' - ainda que aqueles novos ricos pertencessem a classes médias do Rio de Janeiro já desprestigiadas, pela localização de suas antigas moradias.

Uma outra face, contraditória à idéia de excelência de Copacabana, está ligada à frase: 'Chegar a Copacabana é, para o desordeiro, uma espécie de promoção', o que enquadra Copacabana no rol das etapas de marginalização, ocupando um lugar hierarquicamente privilegiado, mas ainda assim, 'para o desordeiro', é mais um degrau a ser galgado.

Com seus textos, Maria constituiu-se em um olhar diverso dos demais - assim como o havia tido Lima Barreto, João do Rio e mesmo Marques Rebelo, um contemporâneo seu -, fornecendo outras visões menos fantasiosas e mais realistas com ralação à cidade.

O Rio de Janeiro continua sendo cantado como 'Cidade Maravilhosa' em termos de sua natureza, mas a partir de textos como os de Antônio Maria observa-se a necessidade de marcarem-se criteriosamente os estereótipos e generalizações, para que as diferenças e peculiaridades de cada realidade não sejam cobertas ou dificultem o entendimento e a resolução de problemas encontrados.

Se nós vivemos em uma 'Cidade Maravilhosa', é sinal de que nesta cidade não há crise econômica ou social, todas as normas e valores sociais construídos são respeitados, os cidadãos vivem em harmonia as hierarquias presentes em seu cotidiano. Estamos em um local 'perfeito', sem contrastes, sem desigualdades que fossem prejudiciais aos cidadãos. Não seria o caso do Rio de Janeiro e a propagação desta imagem estereotipada e generalizante dificulta

o entendimento de que esta perfeição não existe, pois a sociedade carioca leva em conta valores que são excludentes, cerceadores e homogeneizantes, os quais precisam ser contestados para que a história se mova e novos valores mais interessantes para a coletividade sejam construídos.

Por inúmeras razões Antônio Maria se faz presente no nosso cotidiano através de suas palavras, mesmo que suas crônicas já não sejam tão conhecidas ou famosas. Digo isto, porque seus temas recorrentes são de uma atualidade flagrante e, salvaguardando as diferenças na política brasileira, na sociedade, na economia, as diferenças entre o mundo de 1950 e o mundo de 2008, as diferentes realidades do Rio de Janeiro - como Capital em 1950 e como figurante entre as principais metrópoles brasileiras em 2008 - ainda há uma criminalidade sem controle na cidade; as músicas e artistas nacionais são pouco valorizados; o Carnaval carioca, cada vez mais se transforma em festa para turistas, devido às restrições impostas ao povo que deseja participar da festa - e aqui eu menciono a construção do Sambódromo e a venda de ingressos, que limita a entrada na 'Passarela do Samba' até mesmo para aqueles membros da comunidade que fizeram fantasias, adereços. Enfim, as crônicas de Maria parecem ter 'driblado' o seu destino. Seu autor partiu, mas elas ficaram...

**Referências:**

- BACZKO, Bronislaw. "Imaginário Social". In: Enciclopédia Einaudi. Vol 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BRAGA, Rubem. Ai de ti, Copacabana. 21ªEd. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CÂNDIDO, Antônio [et. al]. A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. São Paulo: Ed. da UNICAMP; R. J., Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- O GLOBO. Rio de Janeiro, Jan/1954 a Jan/1958.
- HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- O JORNAL. Rio de Janeiro, Jan/1950 a Jan/1953.
- LEGOFF, Jacques. "Memória". In: LEGOFF. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, [1984].
- MARIA, Antônio. Crônicas. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- MATTOS, Ilmar R (org). Ler e Escrever para Contar. Rio de Janeiro: Access, 1998.
- MESQUITA, Samira Nahid de. O Enredo. São Paulo: Ática, 1986 [Série Princípios].
- PECHMAN, Robert M. Olhares sobre a Cidade. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 1994.
- PIMENTA, J. A. 'O Rio de Janeiro de 1950 através da concepção do professor Agache'. Revista O Cruzeiro, 10 nov, 1928, pp. 31-34.
- SÁ, Jorge de. A Crônica. São Paulo: Ática, 2ª ed., 1985 [Série Princípios].
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Antônio Maria. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Prefeitura Municipal, 1996.
- \_\_\_\_\_ (org). O Diário de Antônio Maria. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2002.
- \_\_\_\_\_. Feliz 1958: O ano que não devia terminar. 6ªEd. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1966.
- ÚLTIMA HORA. Rio de Janeiro, Jan/1952 a Jan/1960.
- VELHO, Gilberto. A Utopia Urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- VELLOSO, Mônica. Que cara tem o Brasil?. RJ: Ediouro, 2000.